

Os suplementos literários da imprensa recifense da primeira metade do século XX¹

Aline Maria Grego Lins²
 aligreggo@uol.com.br
 Tércio de Lima Amaral³
 tercioamaralpe@uol.com.br

RESUMO

Os suplementos literários produzidos, editados e que circularam no Recife no século XX, de modo especial no período de 1900 a 1950, são o objeto de estudo deste trabalho. Os suplementos literários, de um modo geral, são cadernos especiais de jornais impressos que abordam temas relacionados à literatura e apresentam produções de diferentes gêneros literários, além de críticas e artigos de história. Na imprensa pernambucana eles sempre estiveram presentes, abrigando importantes nomes da literatura, a exemplo dos poetas Manoel Bandeira, Carlos Pena Filho e Ascenso Ferreira. Nosso objetivo foi identificar e registrar esses Suplementos, bem como os jornalistas recifenses que, de alguma forma, destacaram-se nesse viés editorial dos jornais locais. Apesar de os jornais recifenses enfrentarem dificuldades, sobretudo financeiras, na primeira metade do século pas-

¹ Comunicação Científica apresentada ao Grupo de Pesquisa na Graduação, do XIII Encontro Nacional de Professores de Jornalismo (Recife, abril de 2010)

² Aline Maria Grego Lins é doutora em Comunicação e Semiótica, pela PUC/SP. Autora do livro *A Alfabetização do Olhar* e professora do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Faz parte do Grupo de Pesquisa em Mídia e Cultura Contemporânea da UNICAP/CNPq. Tem capítulos publicados nos livros: *Telejornalismo: a nova praça pública* (2006); *Síndrome da Mordalha: mídia e censura no Brasil* (2007), *A Sociedade do Telejornalismo* (2008) e *Guel Arraes um inventor no audiovisual brasileiro* (2008).

³ Possui graduação em história, pela UPE (2008). Atualmente, é estudante de jornalismo da Unicap e pesquisador bolsista do Pibic/CNPq.

sado, o que mais chamou a atenção foi o fato de que eles sempre dedicaram espaços aos suplementos literários, ainda que as edições e circulações, nem sempre, tenham ocorrido de forma regular.

Palavras-chave: história da imprensa recifense. Suplementos especiais.

Introdução

A imprensa brasileira, através dos registros ao longo da história, revelou e revela, nas páginas dos mais diferentes jornais, uma tradição literária. Escritores sempre estiveram presentes nos textos jornalísticos e não são poucos, também, os casos de jornalistas que se tornaram escritores, a exemplo de Euclides da Cunha e, mais recentemente, Inácio Loyola Brandão. Obras clássicas como as de José de Alencar e Machado de Assis foram publicadas, ainda na segunda metade do século XIX, na imprensa carioca, em páginas especiais dos seus diários.

Em Pernambuco, a presença de escritores na imprensa também foi uma marca dos nossos jornais. Mas é, sobretudo, no século XX, em sua primeira metade, que começam a surgir os Suplementos Literários na capital pernambucana. O Diário de Pernambuco saiu na frente, publicando sua página de literatura em 1900. Pelas páginas de suplementos da imprensa recifense passaram grandes nomes das letras nacionais, a exemplo de Jorge Amado e Graciliano Ramos. Os dois escritores do Modernismo contribuíram para a *Fo-*

lha do Povo. Esse impresso teve como tradição a colaboração de artigos relacionados ao comunismo. Entretanto, pode-se notar, por exemplo, que Graciliano Ramos também colaborou com as páginas da *Folha da Manhã*.

A presente pesquisa pretende contribuir para o cenário de renovação das fontes historiográficas nacionais e regionais a respeito da história da imprensa, de modo particular a pernambucana, uma vez que poucos são os estudos históricos sobre direção. Entre os existentes, merece registro o trabalho do historiador Luiz do Nascimento (1967, 1968), em *História da imprensa de Pernambuco*, em que ele realizou um levantamento primoroso da história da imprensa do Estado, desde o começo do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Nosso olhar, no presente estudo, entretanto, vai deter-se, apenas, nos suplementos literários e, de modo particular, naqueles que foram totalmente produzidos em redações de jornais recifenses e que circularam na capital pernambucana, pelo menos, durante um ano.

A Rede Alfredo de Carvalho, que reúne pesquisadores em todo o País, inclusive em Pernambuco, vem incentivando o desenvolvimento de pesquisas que resgatem a memória da imprensa no último século, a exemplo dessa que estamos realizando na capital pernambucana sobre os “Suplementos Literários da imprensa recifense no século XX: 1900 a 1950”.

A imprensa pernambucana contou com diversos Su-

plementos Literários ao longo dos séculos XX e também nesse início de século XXI. Os cadernos especiais revelaram e consagraram nomes como Ascenso Ferreira, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Osman Lins, Raimundo Carreiro e Homero Fonseca. É nas páginas do *Diário da Manhã*, *Diário de Pernambuco*, *Folha da Manhã*, *Folha do Povo*, *Jornal do Commercio* e *O Intransigente* que se propõe o resgate da identidade da imprensa recifense. Pois,

Recentemente, a história, dentro dos novos interesses gerados pela interdisciplinaridade e pela pós-modernidade, tem tentado trabalhar com o conceito de identidade. Talvez um dos principais campos da historiografia a refletir sobre essa noção seja o dos estudos da memória. Para David Lowenthal, identidade e memória estão indissociavelmente ligadas, pois sem recordar o passado não é possível saber quem somos. E nossa identidade surge quando evocamos uma série de lembranças. Isso serve tanto para o indivíduo quanto para os grupos sociais (SILVA; SILVA 2005, p. 204).

Esse quadro talvez justifique o fato de historiadores e jornalistas da região Nordeste demonstrarem interesse pela trajetória dos suplementos literários. Em Pernambuco, vale registrar o trabalho do jornalista Jodeval Duarte em *Agitação Cultural* (2005), que destaca a influência das páginas do Suplemento Literário do *Diário de Pernambuco* no cenário literário nacional. Segundo Duarte, as edições desse Suplemento eram colecionadas e leitores faziam filas para o impresso recifense no dia de sua publicação, que ocorria no final de semana:

Aos domingos, há um interesse surpreendente por essas páginas literárias que não são feitas como se fazem muitas vezes, isto é, a custa da ‘tesoura’, oferecendo quase sempre aos leitores simples recortes. O Suplemento Literário do Diário de Pernambuco, graças à tenacidade de Mauro Mota, o poeta das ‘Elegias’, que conquistaram justo renome em todo o Brasil, é, portanto, o centro em torno do qual gravita o movimento literário pernambucano, sendo de grande importância qualquer nota, por mais que simples que seja nele publicado (DUARTE, 2001, p. 52).

No Recife, os Suplementos Literários tinham aspectos dos mais variados. Cada impresso tinha sua política editorial frente às páginas complementares. Nas páginas literárias dos jornais, muitas vezes, eram divulgadas as posturas ideológicas de cada jornal. Enquanto a *Folha do Povo* divulgava madrigais em homenagem ao político esquerdista Luis Carlos Prestes, assinadas por grandes nomes como Graciliano Ramos e Jorge Amado, o *Diário de Pernambuco* assinava notas sobre a relação entre catolicismo e comunismo, o *Jornal do Commercio*, por seu turno, crônicas de “o anti-comunismo”.

Os suplementos literários recifenses de 1900 a 1950

Os Suplementos Literários da Imprensa Recifense, da primeira metade do século XX, estiveram sob forte influência do que denominamos de prática interdisciplinar. As

páginas especiais e suplementos dos jornais recifenses desse período foram testemunhas de trabalhos que versavam sobre política através da poesia, história e descobertas científicas, praticamente presente, inclusive, em suplementos infantis, a exemplo de “O Guri”, do Diário de Pernambuco. Além de temas e brincadeiras infantis, esse suplemento tivera forte influência literária.

Por outro lado, também foram influenciados pelo contexto histórico do país. A república do café-com-leite, a era Vargas e a redemocratização no final da década de 50 influenciaram a linguagem, a forma e os diferentes valores culturais e morais de uma época em que os jornais eram, de alguma forma, influenciados, também, não só pela política e economia, mas e também pelas artes, a exemplo dos grandes romancistas da imprensa do século anterior. O jornalismo, assim, além de abrir espaço para os suplementos literários, defendia em suas páginas, sejam elas de política ou do cotidiano, a tarefa literária de informar.

Segundo a História Nova Francesa, a produção do historiador pode ser realizada de forma narrativa. Mas a literatura, também, é um documento histórico dos mais confiáveis, por reproduzir pensamentos e desejos de uma determinada época. Assim, foi possível observar alguns laços relevantes dos cadernos especiais da imprensa aos conteúdos da historiografia brasileira e local ou aos frequentes debates da literatura nacional – sua interação com os Suplementos Literários.

Como destaca a antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz (2000, p. 25), os espaços de atuação do historiador, do jornalista e literato se confundem. Para a livre docente da USP, essa seria a “Região de Fronteira”:

Assim como a estrutura não se limita mais ao imóvel, abandona pequenas sociedades e se volta para a história, também a história abre mão de dicotomias que pareciam fundamentais à sua própria definição (...) Local da realização da diplomacia, em seu sentido mais usual, no caso das fronteiras entre disciplinas, não se inventou ainda o melhor juiz nem há como inventar (SCHWARCZ, 2000, p. 25).

Um exemplo desse legado de “fronteira” é a Folha do Povo, que, em 1º de janeiro de 1950, traz, no domingo, um Suplemento em homenagem ao 52º aniversário do político comunista Luiz Carlos Prestes. É importante notar que o conteúdo desse Suplemento Literário estava repleto de versos em homenagem a Prestes, poesias, artigos de opinião assinados por grandes romancistas como Graciliano Ramos. O escritor alagoano, inclusive, estivera preso no período por envolvimento com os comunistas, embora, no seu livro Memórias do Cárcere (1968, p. 81), negue seu envolvimento.

Eu não tinha opinião firme a respeito desse homem [Luiz Carlos Prestes]. Acompanhara-o de longe em 1924, informara-me da viagem romântica pelo interior [Coluna Prestes], daquele grande sonho, aparentemente frustrado. Um sonho, decerto: nenhum excesso de otimismo nos faria ver na marcha

heróica finalidade imediata. (...) Um protesto, nada mais. Se por milagre a coluna alcançasse vitória, seria um desastre, pois nem ela própria sabia o que desejava (RAMOS, 1968, Volume I, p. 81).

Foram identificados seis (6) suplementos literários com periodicidade igual ou superior a um ano de duração. O Diário de Pernambuco foi o primeiro a iniciar esse tipo de publicação no Recife. No início de 1900, começa a circular o “Album do Domingo”, com destaque para a produção literária. Foi, sobretudo, em meados da década de 50, que ele consegue destaque nacional sob a direção do poeta e jornalista Mauro Mota.

O *Album do Domingo* tinha espaço na primeira página do jornal Diário de Pernambuco, que era publicado, claro, aos domingos. Ele ficava na margem inferior da capa do jornal, em forma de coluna. Ocupando as margens da esquerda à direita. Essa restrição de tamanho pode estar associada ao fator pioneirismo, por ser o primeiro do Estado a produzir um espaço especialmente pensado como suplemento literário. Por outro lado, essa atividade no jornal, estava restrita a alguns poucos nomes da literatura pernambucana, que se reservavam na produção e publicação de poemas ou conselhos aos leitores com, inclusive, dicas de beleza.

O Diário de Pernambuco, o mais antigo jornal em circulação da América Latina, revelou, durante nossa pesquisa, algumas surpresas, entre elas, a publicação em de 2 de

março de 1941, de um jogo de palavras cruzadas, um dos primeiros registros desse passatempo em nossos impressos. Essa publicação revela não só a diversidade do Suplemento, como também a inclinação para o denominado de jornalismo de entretenimento. Ao mesmo tempo em que notamos, na *Segunda Secção*, artigos de críticas ferozes de literatos, a exemplo de Afrânio Coutinho, dividindo a atenção do leitor com publicações de puro entretenimento.

IMAGEM 01 – Reprodução do jogo de palavras cruzadas no Diário de Pernambuco, em 2 de março de 1941.



O velho sobrado azul do Diário de Pernambuco, no centro do Recife, também abrigou um dos maiores nomes das ciências sociais do Brasil, o sociólogo Gilberto Freyre. Para os que associam a figura do intelectual recifense à produção de textos, uma surpresa: a partir de 3 de setembro de 1943, Freyre, junto com Ismael Ribeiro, assume a direção

do impresso, que passara por uma grande crise financeira. Entretanto, mesmo com o cargo essencialmente burocrático, o autor de “Casa Grande & Senzala” contribuiu para um dos cadernos do Suplemento em homenagem ao abolicionista Joaquim Nabuco, em 21 de agosto de 1949, ano que também marcou a entrada do escritor Ariano Suassuna no Diário.

A estreita relação entre imprensa e literatura no Diário pode ser observada em anos anteriores. Em meados de 1945, o fundador do curso de jornalismo da Unicap, Luiz Beltrão, detinha a função de subsecretário do jornal, ao lado do poeta Mauro Mota e do historiador José Antônio Gonçalves de Melo. Esses intelectuais, que mantiveram vínculos administrativos e, ao mesmo tempo, jornalísticos e literários, acompanharam crises na produção do Suplemento, a exemplo da irregularidade nas edições em 1946. Mas, também, períodos de crescimento do caderno especial de literatura, como em 1947, quando existe um aumento do espaço para oito páginas e a colaboração do jornalista Samuel Wainer e da escritora Maria Júlia Drumond de Andrade.

Já o extinto Diário da Manhã, em sua edição inicial de 16 de abril de 1927, trouxe seu “Caderno de Literatura”, também aos domingos. Foram colaboradores de suas páginas Oliveira Lima e, mais uma vez, Gilberto Freyre. Com períodos de interrupções, como a Segunda Guerra Mundial e cadernos especiais de Carnaval – artifícios encontrados

também em outros veículos – tomou novo ânimo a partir de 1944 com a direção de Aderbal Jurema. Entretanto, uma crise leva o fim do caderno Literatura, em janeiro de 1948. Só em meados de março de 1948, o impresso passa a divulgar as “Crônicas Literárias”, de Canário da Silva, com o objetivo de resgatar o público do extinto Suplemento. Esse jornal, em sua primeira fase, encerrou suas atividades em 31 de dezembro de 1950.

Apesar da indisponibilidade de acesso à boa parte do acervo do Diário da Manhã, alguns aspectos que conseguimos observar vale a pena destacar: havia, nas suas publicações, pouco espaço dedicado ao suplemento *Literatura*, geralmente, uma única página. E, diferentemente do Diário de Pernambuco, por exemplo, não existiam espaços específicos para publicidade. Nesse sentido, o Diário, ao longo de sua publicação de Suplementos revelou junto ao Jornal do Commercio e à Folha da Manhã a maior quantidade de páginas e espaço destinados à propaganda.

O Jornal do Commercio, empresa fundada por F. Pessoa de Queiroz, em 1919, começa a divulgar trabalhos de literatura na Página Dominical de Literatura dirigida por Joaquim Inojosa. Sua circulação esteve restrita, apenas, às edições comemorativas de Carnaval. Ainda foi interrompida com o fechamento da redação do Jornal do Commercio por quatro anos consecutivos à Revolução de 1930. A página Vida Literária só voltou aos domingos, a partir de 1937,

sendo anexada ao Suplemento Dominical em abril de 1937. Sua publicação foi interrompida, novamente, em virtude da II Guerra Mundial.

Mas, em 22 de dezembro de 1940, recomeçam as atividades de literatura do JC na “Vida Literária”, do Suplemento de Domingo. E, quatro anos depois, em junho de 1944, a página de Literatura do Suplemento de Domingo ganharia novo fôlego sob a coordenação de Aderbal Jurema, sobretudo, após 1º de maio de 1948, o Suplemento de Domingo ganha nova roupagem. Denominado Segunda Secção, ele chega a dedicar todas as suas páginas ao jornalismo cultural, a exemplo, de espaços para as notícias de cinema, de teatro, música, e literatura. Também nesse novo formato, havia um grande número de ilustrações coloridas que faziam do Suplemento um caderno especial do jornal – atraindo anunciantes para sua edição.

O Suplemento do Jornal do Commercio, por sua vez, também abria suas páginas para intelectuais e escritores publicarem sua produção, muitas delas, calcadas nas crônicas que tratavam da cultura e dos costumes do nosso povo. Observamos, em 3 de abril de 1937, um artigo assinado por um dos mais respeitados cronistas brasileiros, Rubem Braga, intitulado *Crises de homens e crises de mulheres*. O autor narra as possíveis relações de gênero – entre homens e mulheres – comparando os costumes da arte de sedução dos moradores da cidade do Rio de Janeiro e dos recifenses,

“habitantes do mangue”. Segundo ele,

No Mangue as mulheres vendem o amor. E aquilo é tão escandaloso, tão escancarado, tão impudico, que não se pode mesmo dizer que seja um mercado de carne humana. É, antes, uma feira livre. Na praia do Flamengo, num domingo de sol, a mulher que não tiver um homem bem forte ao lado ouve piadas mais grosseiras que é possível imaginar. Alí há crise de mulheres, e os homens se disputam um olhar ou um sorriso com uma ferocidade ridícula (BRAGA, 1937, *Jornal do Commercio*, Segunda Secção, p. 23).

Além do registro dos costumes e, em certa maneira, a reprodução de preconceitos, os Suplementos Literários tinham uma característica curiosa que nos chamou a atenção: a transitoriedade de colaboradores entre esses cadernos. Por exemplo, a partir de 1954, Gilberto Freyre, que já tivera passagens pelo *Diário da Manhã* e *Diário de Pernambuco*, passa a colaborar nas páginas especiais de literatura do *Jornal do Commercio*.

Nesse mesmo ano, o impresso deu atenção especial à cobertura das comemorações do tricentenário da Restauração Pernambucana do domínio holandês. Talvez, por esse motivo, foram convidados para essa produção os jornalistas Mário Melo, Aderbal Jurema e Nilo Pereira, além dos historiadores Jordão Emerenciano e o antropólogo Luis da Câmara Cascudo. É bom registrar que, no final de 1954, o *Jornal do Commercio* ainda contou com a participação do poeta Carlos Pena Filho e do jesuíta padre Mosca de Car-

valho, educador da Universidade Católica de Pernambuco.

Também encontramos um exemplo de Suplemento Literário em jornais de pequeno porte como O Intransigente, fundado em 7 de dezembro de 1918, por Osvaldo Machado, circulava com o suplemento “Artes, Literatura e Elegância”, que tem início em 13 de abril de 1919 e vai até 20 de junho de 1920, com a fusão do jornal com A Noite. Em suas páginas, havia, artigos especialmente dirigidos para as mulheres, além de crônicas.

Por seu turno, fundada em 10 de junho de 1935, por Osório Lima, a Folha do Povo tinha uma política editorial voltada ao comunismo, sendo, algumas vezes, fechada por governos (destaque para o fechamento entre abril e maio de 1948). Seu Suplemento de Literatura só foi desenvolvido com regularidade a partir 11 de janeiro de 1953. A Folha, talvez, seja o impresso no qual a literatura estivesse mais associada à ideologia do veículo, a exemplo do Suplemento em homenagem a Luis Carlos Prestes, em 1º de janeiro de 1950 (Ver imagem 02). Em suas páginas, colaboram escritores como Jorge Amado, que há pouco tivera sido eleito deputado federal pela Bahia, pelo partido comunista. O deputado chegou a defender o engajamento dos intelectuais da época no “Partido”:

O conhecimento do marxismo e a compreensão da linha do partido, por outro lado, dão ao criador de cultura uma formidável independência de movi-

mentos na análise dos fatos e na sua interpretação artística. Para um poeta, para um compositor, para um pintor, para um romancista, a vida partidária traz uma infinidade nova de temas, de sugestões, de matéria para ser transformada em beleza imortal. Nenhum escritor ou artista pode se limitar ao ter vida partidária. Essa lhe dará sempre maior amplitude, estenderá, os limites, mesmo da humanidade as suas fronteiras criadoras (AMADO, 1946, Folha do Povo, Segunda Secção, p. 2).



IMAGEM 02 – Capa do Suplemento da Folha do Povo em homenagem ao 52º aniversário do líder comunista Luiz Carlos Prestes.

Outro Suplemento analisado foi o da Folha da Manhã, que passou a circular em 21 de novembro de 1937. Sua página de Literatura foi anexada ao Suplemento Ilustrado, aos domingos, a partir de 29 de dezembro de 1940, mas finalizado em 13 de abril de 1941. Colaboraram Ulisses Lins, Antiógenes Cordeiro, o poeta Austro Costa, Célio Meira e Arnaldo Damasceno Vieira. Em março de 1944,

foi restabelecida a página de Literatura aos domingos. Ela sofreu suspensões irregulares como cadernos do Carnaval (Ver imagem 03), e campanhas políticas promovidas pelo impresso. A segunda seção chega ao seu auge em 1950. O veículo, porém, encerrou suas atividades em 31 de dezembro de 1954.

IMAGEM 03 – Em 20 de fevereiro de 1944, a Folha da Manhã deixa de publicar a Segunda Secção, com sua página de literatura, para a realização de um caderno especial sem maiores informações ao seu público leitor.



A Folha da Manhã, comparada aos demais Suplementos, tinha um viés editorial diferente. Destacamos a par-

ticipação de Costa Pôrto em artigos dedicados à reflexão da história, sobretudo no período que vai de 1944 a 1950. Temas regionais, como a Invasão Holandesa, Revolução de 1817, ou nacionais como A Revisão da História Nacional foram escritos com maestria pelo jornalista pernambucano. Para estabelecer esses laços entre o jornalista e o historiador, recorreremos a teórica pós-moderna da historiografia norte-americana Barbara Tuchman (1995, p. 31), para quem “nem sempre é preciso haver uma dicotomia, ou disputa. As duas funções não precisam estar, e de fato não devem estar, em guerra. A meta é a fusão. A longo prazo, o melhor escritor é o melhor historiador”.

Em *Napoeão e seu sentido histórico*, identificamos em Costa Pôrto (1944, p. 1) um jornalista preocupado com as regras da historiografia. Primeiro, o distanciamento do passado para a realização de textos sem paixões e o mais imparcial possível; no segundo momento, a suposta ansiedade e preferência do esquecimento. Pois, ser esquecido seria melhor do que ser julgado nas mãos dos historiadores – ou contadores de histórias.

Felizes os que mergulharam no esquecimento, não deixando rastro de sua passagem privados de aparecer como gênios benfazejos, mas sem o perigo de desafiar o julgamento da posteridade, através da apreciação, nem sempre serena de seus biógrafos.

A proximidade ofusca, as paixões entontecem e todo o episódio histórico, todo esforço humano, toda afirmação de personalidade precisariam, para serem justos,

fugir àquela configuração local que, na análise, é meio caminho para o êrro e para a incompreensão (PÔRTO, 1944, Folha da Manhã, página Literatura, p.1).

IMAGEM 04 – esta é a capa da Segunda Secção da Folha da Manhã, em 14 de maio de 1944. Esse Suplemento, de até 8 (oito) páginas, tinha 2 (duas) dedicadas à literatura.



O debate político também estava em suas páginas literárias. A exemplo da já citada Folha do Povo, a Folha da Manhã envolvia seus parceiros e colaboradores em torno da questão comunista. Luiz Delgado (1950, p. 1) assina, na primeira página da “Segunda Seção”, de 5 de agosto de 1950, o artigo *Catolicismo e Comunismo*, defendendo que a missão do cristão é estar acima de qualquer pensamento, e o marxismo deveria ser reconhecido nos seus pontos positivos. Argumenta,

Uma insidiosa propaganda que se fez durante algum tempo e ainda reponta aqui e ali, afirmando que o comunismo não é anti-cristão, desmentiu-se

por si mesma, diante do espetáculo das perseguições desencadeadas por toda parte aonde a influência soviética se firmou depois da guerra.

A função do catolicismo não é combater o comunismo; é elevar o homem à sua incomparável dignidade de filho de Deus. Tudo que contrarie semelhante elevação santificadora – inclusive o comunismo mas não somente o comunismo – deve ser combatido por todos nós com igual força (DELGADO, 1950, Folha da Manhã, Segunda Secção, p. 1).

A Folha da Manhã – jornal de grande porte da primeira metade do século XX – pode ser considerada um sucesso de publicação. A Segunda Secção, produzida pelo veículo aos domingos, como o Jornal do Commercio, chegou a possuir doze páginas dedicadas ao cinema, literatura, interesses femininos e artes em geral. E todo esse espaço com um bom número de anúncios publicitários.

Por fim, também identificamos o Suplemento do jornal O Estado, fundado em 16 de julho de 1933, o que era impresso nas oficinas da extinta *A Província*. Foi adquirido sob o nome de Sociedade Anônima O Estado e era presidido por Fileno de Miranda. Dos cadernos especiais analisados nesta pesquisa, a Literatura do jornal O Estado foi o que mais teve interrupções em suas edições. Colaboraram para o veículo nomes políticos como os críticos literários e jornalistas, Aníbal Fernandes, Plínio Correia de Oliveira, escritor e historiador fundador da contraditória organização Tradição, Família e Propriedade Privada (TFP). Ele era

monarquista e defendia essa forma de governo baseada no catolicismo conservador e no combate ao comunismo. O Estado chegou a produzir na capa do Suplemento Literatura do dia 23 de julho de 1933 o artigo “A imprensa Monarquista”, assinado como “o boletim de Ariel”.

Mas o que chama a atenção na publicação de o Estado são algumas peculiaridades, entre elas, o aumento do caderno especial devido à censura sofrida durante o ano de 1933. Ou seja, por não poder publicar matérias referentes ao cotidiano da cidade, matérias de política, em especial, o jornal optou por aumentar a participação do Suplemento na edição. Talvez, essa fosse uma forma de despistar a censura, ocasionalmente.

Sob o guante da censura, o matutino teve apreendida a edição de 7 de novembro, por haver inserido, ‘em suas páginas, uma nota cuja publicação havia sido proibida’. A edição de 24 de dezembro, contendo 22 páginas, em três cadernos, repleta de literatura, publicidade oficial e clichê, foi dedicada à Paraíba (NASCIMENTO, 1967, Volume III, p. 335).

O Suplemento Literatura, do Estado, foi produzido desde o primeiro número do jornal, através de um segundo caderno, contendo também uma seção infantil, temas econômicos e curiosidades. Encerrou suas atividades com o fim do jornal em 17 de março de 1935.

Considerações finais

A história da imprensa recifense da primeira metade do século XX (1900-1950) foi marcada pela produção dos suplementos literários e páginas especiais de literatura. Podemos observar, que esses impressos foram testemunhas das transformações sociais e culturais sofridas pela população brasileira e pernambucana, revelando mudanças de comportamento e, em certos casos, de avanços e debates em torno da política nacional.

Os suplementos e páginas de literatura recifenses interagiram com o contexto sócio-histórico, a exemplo da *virada de séculos* (XIX para XX), a ascensão e queda da República do Café-com-leite, das duas Grandes Guerras Mundiais, a era Vargas e o pequeno período democrático no final da primeira metade do século XX.

Mas, a imprensa recifense da primeira metade do século XX revelou, ainda, um protagonista: o tradicional Diário de Pernambuco – jornal mais antigo em circulação na América Latina. Esse jornal foi o pioneiro, no Recife, na publicação de Suplementos e páginas dedicadas à literatura, poesia, contos e artigos de reflexão histórica. Aliás, do próprio Diário saiu um dos grandes nomes da poesia pernambucana contemporânea: Mauro Mota. Sua marca, ainda hoje, é percebida no caderno Viver, que, em alguns momentos, abre espaço para as seções literárias, nem sempre regulares.

Os jornais também se configuraram em um espelho da produção literária nacional. No Diário de Pernambuco,

como outros jornais analisados, podemos notar, ao longo da sua trajetória, a ampliação do espaço, nos cadernos especiais, dedicados a momentos culturais marcantes na história do país, como, por exemplo, o período que se estende após a *Semana de Arte Moderna*, de 1922. Manuel Bandeira e outros poetas, escritores e artistas que participaram da *Semana* assinaram artigos e produziram nos Diários Associados – então, maior conglomerado de mídia brasileira.

A interdisciplinaridade nos suplementos, na primeira metade do século XX, já podia ser percebida nessas páginas, claro que num contexto distinto do atual, uma vez que havia poucos cursos de ciências humanas no Brasil no início do século passado, a exemplo de jornalismo ou história, o que, de certa forma, abria espaço, na imprensa, para intelectuais que transitavam em outras áreas do conhecimento, até então, sem delimitação científica. Esse comportamento se acentuou na análise do jornal *Folha da Manhã*. As páginas inicialmente planejadas para a produção literária acabaram publicando artigos de reflexão historiográfica.

Outro aspecto importante a ser destacado foi o planejamento das edições. Os jornais da imprensa na primeira metade do século XX não tinham espaço para editoriais, a exemplo do que acontece na atualidade. A identificação das opções políticas dos jornais através dos Suplementos e páginas especiais de literatura é possível ser reconhecida a partir da produção de artigos de opinião, das homenagens

a políticos, através de contos, crônicas e poesias.

O Diário de Pernambuco, a Folha da Manhã e o Jornal do Commercio tinham claramente suas inclinações à política de direita; o Diário da Manhã, à social democracia; a Folha do Povo, à ideologia comunista; O Intransigente à política trabalhista; e, O Estado, à militância que defendia a volta do sistema monárquico de governo do Brasil.

Já no que se refere à produção textual, identificam-se algumas peculiaridades: a participação de autores que têm no jornalismo uma segunda profissão, a exemplo de Gilberto Freyre; ou aqueles que são jornalistas e acabam trilhando caminhos para a produção histórica, como os pernambucanos Costa Pôrto e Mário Melo. Mas, seguindo o caminho inverso, identificamos cronistas, poetas e romancistas que produziam e publicavam nestes Suplementos Literários, nomes como Ancenso Ferreira, Graça Aranha e Rubem Braga, entre outros.

Assim, podemos destacar que esses Suplementos e páginas especiais de literatura marcaram e se fizeram presentes na tradição do jornalismo cultural brasileiro. Essa experiência da imprensa recifense, no início do século XX, continuou em anos posteriores, mas com características diferentes. Se, no início, havia suplementos apenas literários, a imprensa atual brasileira agregou novos formatos nessa produção. Em Pernambuco, por exemplo, o caderno Viver, do Diário de Pernambuco, e o Caderno C, do Jornal do

Commercio, que são publicados diariamente, privilegiam reportagens de entretenimento, com arte, música e programação cultural, dividindo edições com as notícias e reflexões literárias.

A exceção atual fica para alguns suplementos publicados em forma de cadernos especiais isolados, a exemplo do recente “Os Sertões”, do JC. Ou aqueles que são publicados de forma mensal e independente, a exemplo do suplemento cultural “Pernambuco”, da CEPE – Companhia Editora de Pernambuco. Nesse sentido, a produção dos suplementos e páginas especiais de literatura da imprensa recifense, nas primeiras cinco décadas do século XX, configurou-se como uma experiência distinta na história da imprensa pernambucana, na qual jornalismo confundia-se, por vezes, com literatura e vice-versa.

Referências

AMADO, Jorge. Escritores, artistas e o partido. **Folha do Povo**, Recife, 19 de maio de 1946. Segunda Secção p. 2.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAGA, Rubem. Crise de mulheres e crises de homens. **Jornal do Commercio**, Recife, 3 de abril de 1937. Segunda Secção p. 23.

CARNEIRO, Glauco. *Brasil, primeiro: História dos Diários Associados*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand,

1999.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DELGADO, Luiz. Catolicismo e comunismo. **Folha da Manhã**, Recife, 5 de agosto de 1950. Segunda Secção p. 1.

DUARTE, Jodeval. *A história contada pelo Diário – A Praça Forte da Liberdade*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2005.

_____, *Agitação cultural: o suplemento e Mauro Mota*. Recife: COMUNIGRAF, 2001.

MELO, José Marque de. *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____, *Vestígios da travessia: da imprensa à internet – 50 anos de jornalismo*. São Paulo: Paulus, 2009.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco* (v. I). Recife, PE: Imprensa Universitária, 1968.

_____, *História da imprensa de Pernambuco* (v. III). Recife, PE: Imprensa Universitária, 1967.

PÔRTO, Costa. Napoleão e seu sentido histórico. **Folha da Manhã**, Recife, 30 de janeiro de 1944. Página Literatura p. 1.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere* (Vol. I). Rio, São Paulo: Record, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Antropologia e história: debate em região de fronteira*. Belo Horizonte: Autêntica:

2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TUCHMAN, Barbara Wertheim. *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio: Biblioteca do Exército Ed., 1995.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. São Paulo: Editora Planeta, 2005.